

RESÍDUOS MÍTICOS EM *SOL DE FEIRA*, DE LUIZ BACELLAR

Silvia da Silva Nunes (UFAM)

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

RESUMO: Este trabalho aborda os resíduos míticos nos poemas “Rondel do Taperebá” e “Rondel do Tucumã” presentes no livro *Sol de Feira* do autor amazonense Luiz Bacellar. Cada poema de *Sol de Feira* é dedicado às frutas típicas da região amazônica, com uso de expressões e de aspectos culturais da região relacionados ao seu imaginário, ao mesmo tempo que o poeta recorre a modos poéticos herdados de diferentes épocas da Literatura. O objetivo deste estudo é de analisar como o poeta recria em versos aspectos da cultura amazônica relacionando-os a resíduos da literatura e da cultura grega, com destaque à mitologia, com leituras pautadas na Teoria da Residualidade Literária e Cultural, sistematizada por Roberto Pontes (2022), que diz que os resíduos do passado podem ser percebidos em momentos posteriores em uma outra cultura; e em *Amazônia: mito e literatura* (2003), sobre mito e literatura e *Cultura amazônica: uma poética do imaginário* (1995) sobre cultura amazônica. As análises dos dois poemas selecionados observaram que poesia e mitos clássicos são envolvidos com novas roupagens na produção poética de Luiz Bacellar, o que leva a concluir que resíduos míticos da literatura e da cultura revelam heranças do passado na construção da poética amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Resíduos míticos. Cultura amazônica. Sol de Feira.

ABSTRACT: This work addresses the mythical residues in the poems “Rondel do Taperebá” and “Rondel do Tucumã” present in the book *Sol de Feira* by Amazonian author Luiz Bacellar. Each poem in *Sol de Feira* is dedicated to the typical fruits of the Amazon region, using expressions and cultural aspects of the region related to his imagery, at the same time that the poet uses poetic modes inherited from different periods of Literature. The objective of this study is to analyze how the poet recreates in verse aspects of Amazonian culture, relating them to residues of Greek literature and culture, with emphasis on mythology, with readings based on the Theory of Literary and Cultural Residuality, systematized by Roberto Pontes (2022), which says that the residues of the past can be perceived at later times in another culture; and in *Amazonia: myth and literature* (2003), about myth and literature and *Amazonian culture: a poetics of the imaginary* (1995) about Amazonian culture. The analyzes of the two selected poems observed that classical poetry and myths are involved in new guises in Luiz Bacellar's poetic production, which leads to the conclusion that mythical residues of literature and culture reveal legacies of the past in the construction of Amazonian poetics.

KEYWORDS: Mythical residues. Amazonian culture. Fair Sun.

INTRODUÇÃO

Partindo da permissa da Teoria da Residualidade Literária e Cultural sistematizada por Roberto Pontes (2022), de que nada na literatura ou na cultura é original, tudo é residual, no sentido de que os resíduos do passado são remanescidos em novas obras literárias ou em uma nova cultura, que os fazem referências em momentos posteriores, e na literatura de expressão amazônica não seria diferente, por utilizar resíduos literários e culturais, em destaque a residualidade mítica percebida em uma das obras do escritor amazonense Luiz Bacellar, *Sol de Feira*.

Em *Sol de Feira* publicado em 1973, temos a construção do pomar poético dedicado às frutas típicas da região amazônica, em que cada fruta é poetizada em 48 rondeis e entrelaça

aspectos da cultura amazônica e que ao mesmo tempo dialoga com resíduos de mitos clássicos gregos, que na poética de Luiz Bacellar são percebidos com novas roupagens, com novas configurações.

É nesse sentido, que tomamos como objeto de pesquisa os poemas “Rondel do Taperebá” e “Rondel do Tucumã” com o intuito de analisar a partir destes como o autor recria aspectos da cultura amazônica dialogando com resíduos herdados de diferentes épocas da Literatura e da mitologia grega, que na sua produção poética percebe-se a alusão aos mitos gregos e faz a comparação com os mitos amazônicos, fazendo em versos a aproximação entre diferentes culturas, mas que remanesce em certos pontos em outra.

Aspectos literários e culturais de épocas passadas que remanescem na literatura poética amazônica, tomando como exemplos os dois poemas de *Sol de Feira*, a fim de relacioná-los com leituras da Teoria da Residualidade Literária e Cultural sistematizada por Roberto Pontes (2022), para explanar a respeito dos resíduos literários e míticos encontrados nos poemas de Luiz Bacellar, em que são retomados com nova configuração no fazer poético do autor amazonense.

Além disso, por se tratar da combinação de resíduos míticos com aspectos da cultura amazônica na poesia de Bacellar, pretendemos relacionar a presente análise com leituras a respeito da relação entre literatura e mito com *Amazônia: mito e literatura* (2003) de Marcos Frederico Krüger, e sobre cultura amazônica com *Cultura amazônica: uma poética do imaginário* (1995), pontos interrelacionados em *Sol de Feira*, associados harmonicamente na poética de Bacellar.

A POÉTICA DE BACELLAR E A TEORIA DA RESIDUALIDADE

Luiz Bacellar é um dos principais destaques da poética amazônica, que em sua produção literária recorre a modos poéticos trabalhados minuciosamente, e em *Sol de feira* o uso de metáforas, descrição, comparação e referências se fazem presentes nos poemas dedicados a cada fruta apresentada de forma poética, ao falar da ligação entre a natureza com o amazônida e do seu imaginário formado por mitos e lendas.

Para a construção de *Sol de feira*, Bacellar adota o rondel como forma, modo predominante na poesia medieval francesa, o poeta utiliza uma forma poética herdada de um diferente período da Literatura, aludindo para a residualidade, ao se referir que elementos do passado próximo ou distante podem remanescer em um tempo e espaço diferente na cultura e na literatura, conforme acentua Martins (2003, p. 518), “A residualidade se caracteriza por

aquilo que resta de um tempo em outro, podendo significar a presença de atitudes mentais arraigadas no passado próximo ou distante (..)”.

A residualidade na poética de Bacellar, pode ser observada desde no modo poético adotado, sendo um resíduo, que segundo Pontes (2022, p. 1), “aquilo que remanesce de uma época para a outra e tem força de criar de novo toda uma obra, toda uma cultura”. O resíduo estético da poesia medievla francesa permanece no apuro formal de *Sol de feira*, e esse resíduo não é somente perceptível na estrutura, mas também no uso recorrente de imagens, em cada poema a riqueza da evocação imagética é acentuada, podendo essa estratégia ser remetida ao rondel de Duque de Orleans¹, que em seus poemas havia a evocação imagética. Para explicitar o resíduo estético, tomamos como exemplos os rondeis *O tempo despiu o seu manto* e *Rondel da castanha*:

O tempo despiu o seu manto²

O tempo despiu o seu manto
De chuva e de vente gelado:
Vestiu-se de ouro em brocado,
Fiado do sol claro e santo.

E diz todo bicho, em seu canto
E jargão, sem asas e alado:
O tempo despiu o seu manto.

O córrego, o regato e a fonte,
Em sua libré aristocrata,
De gotas de joias de prata,
Festejam as roupas do encanto:
O tempo despiu o seu manto.

No rondel do Duque Charles de Orleans as imagens são postas como elementos metafóricos para encadear a poetização do tempo, da matéria poética central do poema, como podemos observar há a colocação de palavras que fazem a evocação imagética em relação ao tempo, especificamente às mudanças de estações. As palavras chuva/vente gelado fazem referência ao inverno e uma nova estação é chegada metaforicamente pelas palavras ouro/sol e essa nova estação, isto é, a primavera, é vista com forma de alegria na imagem do canto dos bichos, por meio do termo *E diz todo bicho em seu canto*. Além disso, o poeta coloca a construção imagética córrego/regato/fonte para dar vida às flores, ou seja, *as roupas do encanto*, e que agora o tempo pode despir o seu manto, no sentido, de ficar mais vívido e belo no tempo da primavera. O acontecimento da mudança de estações é colocado na criação poética de

¹ Poeta francês medieval do séc. XV, tornou-se duque em 1407 e foi prisioneiro na Guerra dos Cem Anos.

² Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/charles-dorleans-poemas/>

Charles Orleans com extrema beleza, de um acontecimento comum o poeta o recria de forma minuciosa através de elementos imagéticos e metafóricos ao longo do rondel.

O mesmo processo imagético e metafórico percebe-se no *Rondel da castanha* de Luiz Bacellar, colocando em ênfase que na cultura e na literatura nada é novo, tudo é residual (Pontes, 2022), na medida que as remanescências do passado podem ser vistas em uma outra cultura ou obra literária. Em *Rondel da castanha*, Bacellar poetiza metaforicamente por meio de imagens micros a imagem macro do poema, ou seja, a castanha, fruto da enorme árvore castanheira, e esse fruto possui a cobertura dura e possui em forma de noz um peculiar sabor:

Rondel da castanha

na muda mata um som reboa
no estralejar da galharia,
rompendo a verde rede atroa num ribombar de artilharia;
o ouriço-obus, granada agreste,
bólide opaco, estrela morta,
uiva ao tombar no chão silvestre
e bate bruto nesta porta;

a selva abafa a rude guerra
que sob a densa copa encerra
na dura terra firme, e enfim
o homem encontrando a bala fria
de suas cápsulas um dia
liberta presas de marfim
(Bacellar, 1985, p. 29)

O poema começa pelo imagético da mata silente, informa de início ao leitor que a castanha é um fruto encontrado na mata e por ser fruto de árvore alta, ao cair no chão faz um barulho por ter a casca dura e resistente, isso pode ser destacado gradativamente pelos termos *estralejar da galharia/rompendo a verde rede/artilharia*, o fruto ao cair de uma dada altura rompe os galhos e no chão da mata é comparado à uma artilharia, o seu som se assemelha com o som de armas de fogo.

O poeta apresenta a castanha de forma metafórica ouriço-obus/granada agreste, comparando o ouriço da castanha com uma granada, que possui também o material duro e resistente e ao cair no chão faz um barulho bruto. Ademais, a castanha é comparada com uma estrela morta, pois quando uma estrela morre ocorre uma explosão no espaço e a queda da castanha da árvore é comparada de maneira metafórica com uma explosão.

A queda do ouriço da castanha na mata é vista como uma guerra pelo poeta, ao colocar a comparação entre selva/rude guerra, e essa guerra termina quando os ouriços já estão no chão, postos para o homem, se referindo ao caboclo amazônico que busca na mata esse fruto para consumi-lo no seu cotidiano, ao dizer /o homem encontrando a bala fria/ ou seja, as sementes

da castanha, vistas como cápsulas e ao ser descascadas são comparadas com o marfim, por ter um aspecto branco, resistente e duro.

Como se pode observar, a poética de Bacellar retoma resíduos da literatura medieval francesa no tratamento da matéria poética, tanto em Charles de Orleans e quanto em Bacellar a poesia recria elementos com beleza metafórica e se tem a preocupação com o processo imagético ao longo dos poemas. Isso leva a pontuar que o resíduo é um material que tem vida, dotado de vigor, que não parou no tempo e no espaço, mas que continua sendo valorizado na cultura e na literatura, tem a força de infundir influências em épocas posteriores em uma obra literária. Aspecto que Roberto Pontes enfatiza em *Escritos Residuais* (2022):

O resíduo é aquilo que resta de uma cultura. Mas não resta como material morto. Resta como material que tem vida, porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova. (...) A gente apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma. E aí que se dá o processo de cristalização (Pontes, 2022, p. 20).

Ainda acordo com Roberto Pontes, o resíduo “não é um cadáver da cultura grega ou da cultura medieval que deve ser reanimado nem venerado num culto obtuso de exaltação do antigo, do morto... não é isso... fica como material que tem vida” (Pontes, 2022, p. 2). E na poesia de Luiz Bacellar o resíduo é material que tem vida, está cristalizado no seu fazer literário, por mais que a matéria poética possa ser referente à aspectos da região amazônica, nota-se uma referência aos rondeis do duque Charles de Orleans, poeta medieval francês.

Luiz Bacellar não recorre somente ao modo poético do rondel medieval, nos poemas pode-se notar a referência ao saudosismo, movimento literário que buscava restaurar aspectos culturais e tradicionais lusitanos pelo viés da memória, e os poemas de *Sol de feira* restauram a memória dos frutos típicos amazônicos que não aparecem mais tanto nas feiras dos centros urbanos, para que essa memória não seja esquecida pelo leitor. Como pontua Albuquerque (2013, p. 7) “Ao propor a criação de um poema cuja temática central é a representação dos frutos da Amazônia, Bacellar se mostra igualmente um saudosista que restaura imagens, sabores e histórias de um mundo à beira do esquecimento.” Dessa forma, em cada poema de *Sol de feira*, a memória de cada fruta é restaurada para aqueles que se reconhecem nos poemas e recontada para aqueles que não conhecem esses frutos amazônicos, mas também restaurar a memória de uma Manaus que ainda não se transformara em metrópole e quando esses frutos eram encontrados com mais facilidade nas feiras da capital amazonense.

Na poesia de Bacellar as referências de momentos diferentes da Literatura são cristalizadas, o termo de cristalização no pressuposto da Teoria da Residualidade Literária e

Cultural, trata-se da sedimentação dos resíduos culturais de outras épocas (Pontes, 2022). Esse processo de lapidação de resíduos, que estão em constantes transformações se percebe nos poemas de *Sol de Feira*, em que Bacellar faz o diálogo dos frutos com personagens de mitos de diferentes culturas, aos deuses e titãs da mitologia grega referidos no *Rondel do taperebá*, *Rondel do tucumã* e *Rondel do mamão*, este que também faz a referência à um deus da mitologia hindu, e outros aos mitos judaico-cristãos (*Rondel do maracujá* e *Rondel do araçá*), sendo assim, o processo metafórico e imagético de algumas frutas fazem alusão aos mitos de diferentes culturas, no entanto, se aproximam pela poesia que utiliza esses resíduos míticos em diálogo com a cultura amazônica.

OS RONDEIS DOS FRUTOS E OS RESÍDUOS MÍTICOS

Em *Sol de feira*, os poemas fazem referência à mitos de diferentes culturas, no entanto, para a análise tomamos os exemplos da mitologia grega notados no “Rondel do taperebá” e no “Rondel do tucumã”, em que Bacellar de forma poética faz a comparação dos dois frutos com o mito de Zeus e Dánae e com o mito da caixa de Pandora, aludindo para a presença de resíduos míticos em sua poesia. Relações literárias e culturais que corroboram com a Teoria da Residualidade Literária e Cultural, de que o resíduo “se mantém numa permanente latência, em constante possibilidade de uso, de forma a ser atualizado ou cristalizado a qualquer momento” (Pontes, 2004, p. 23).

Em *Rondel do taperebá*, o fruto amarelo é associado ao mito da fecundação da terra pelos céus, sob o encontro amoroso entre Zeus e Dánae:

taperebá
em gotas de oiro:
dos altos ramos
no dia loiro
Zeus, a hora amena
no colo mana e
flui da serena
silente Danae:
e ela, provando
da chuva as bagas
de acre sabor,
se vai deixando
violar por vagas
chispas de amor

Inicialmente o eu lírico apresenta o fruto taperebá, que de forma metafórica evoca a sua cor amarela *em gotas de oiro* e a imagem do fruto em uma árvore de altos ramos em um dia

ensolarado nos termos *dos altos ramos no dia loiro*. O rondel começa apresentando para o leitor a imagem do fruto na árvore, como uma imagem macro do poema e ser associada posteriormente com o mito de Zeus e Dánae.

O fruto amazônico é colocado poeticamente na mitologia grega, é associado ao mito da fecundação da terra (Dánae) pelo céu (Zeus), o poema faz essa comparação com o deus grego em *gotas de ouro*, pois na mitologia grega Zeus ao se apaixonar por Dánae, transforma-se em chuva de ouro e depois sob forma humana tem um encontro amoroso com a moça que dará a luz ao herói mítico Perseu, conforme é colocado no livro *O universo, os deuses, os homens*, de Jean-Pierre Vernant:

Zeus se apaixona por Dánae e sorri ao vê-la trancada pelo pai nessa prisão subterrânea de bronze. Sob a forma de uma chuva de ouro, ele desce e se introduz ao seu lado; também é possível que, ao chegar à prisão, tenha assumido sua personalidade divina sob aparência humana. Zeus une-se em amor com Dánae no maior sigilo. Dánae espera um filho, um menino que se chamará Perseu (Vernant, 2000, p. 182).

O poema recria simbolicamente o encontro amoroso entre os dois, se faz a comparação da cor da fruta com a transformação de Zeus em chuva de ouro e o seu sabor acre com a ação do desvirginamento de Dánae, que numa mistura de prazer e dor se entrega ao deus grego. A partir do fruto amazônico taperebá, Bacellar recria o mito dos amantes gregos em uma nova roupagem para o leitor, associa a imagem da fruta como metáfora do mito grego, o resíduo mítico é percebido ao ser associado no processo poético do fruto amazônico taperebá.

Diante disso, o resíduo continua sendo cristalizado em uma nova obra literária, na poética de Bacellar o resíduo do mito clássico grego se adapta à uma nova circunstância, ou seja, o mito de Zeus e Dánae se adapta na poetização de um fruto amazônico, que consegue associar a imagem macro do fruto em si e a imagem micro dos amantes gregos para o leitor. Sobre esse aspecto do resíduo, Moreira e Martins destacam:

de acordo com a concepção de resíduo da sistematização da Teoria da Residualidade, este aparece de maneira cristalizada, transfigurada, ou seja, guarda a força vital da essência e ressurgue moldado pelo imaginário do momento em que é tomado. A vitalidade da essência retomada constantemente vem a ser o resíduo atualizado [...] (Moreira e Martins, 2020, p. 113).

Segundo as autoras o resíduo possui a vitalidade de ser retomado, reatualizado, mas é moldado de acordo com as circunstâncias espaço-temporais, pois se adaptam à uma nova realidade e podendo ter novas recriações estéticas, sociais e culturais. Esse aspecto podemos notar no *Rondel do taperebá*, o resíduo mítico é moldado com uma nova roupagem e

reatualizado na poética amazônica, o mito de Zeus e Dánae ganha uma nova estética no poema dedicado à um fruto amazônico, que dialoga com o mito grego.

A partir do exemplo do *Rondel do taperebá*, podemos destacar que o resíduo é uma matéria de força criativa, que de acordo com suas recriações permitem uma nova obra, que se adaptam à novos contextos, um material capaz sempre de ser reatualizado de maneira consciente ou inconsciente, como afirma Pontes (2015, p. 113) “O resíduo literário, de natureza cultural, é matéria dotada de vigor, aproveitável a qualquer momento pela força criativa, em razão da faculdade que lhe é inerente, de vir a ser nova obra”.

Em *Rondel do taperebá* nota-se traços da região amazônica, colocando em destaque um dos seus frutos mais comuns e apresenta características desse fruto para o leitor, que se depara com a associação do taperebá com o mito de Zeus e Dánae feita de forma bela e harmônica, em que o resíduo mítico é reatualizado em um novo contexto, pois é um material dotado de vigor, que sempre remanesce.

No *Rondel do Tucumã* temos na figura do fruto a associação do mito da criação da noite na mitologia indígena amazônica com a caixa de Pandora, em que o caroço de tucumã e a caixa de Pandora se aproximam por suas similaridades no poema:

do teu minúsculo coquinho
relatam lendas milenárias
brotaram sono, amor, carinho,
a lua e outras luminárias;
onças e pássaros noturnos,
quanto em teu bojo se escondia
dele fugiu com ares soturnos
enquanto o breu se derretia;
tu foste a caixa de Pandora
das tribos bárbaras de outrora
e a cor das asas da graúna
saiu de ti como um trovão
para que a filha da boiúna
pudesse amar na escuridão.
(Bacellar, 1985, p. 41)

O poema faz alusão à criação da noite, que segundo a mitologia indígena amazônica, no princípio não existia noite somente dia. Conta-se que a filha da Cobra Grande se casara com um rapaz e este sente sono, mas não havia noite e pede para buscar com sua mãe, que guardava a noite. O rapaz pediu aos seus três fâmulos que fossem até a casa da Cobra grande que os entrega um caroço de tucumã, mas que não abrissem aquilo que estavam encarregados de trazer, senão todas as coisas se perderiam, no entanto, a curiosidade dos três fâmulos foi maior que a obediência e abriram o caroço de tucumã e os animais da noite surgiram, as corujas, morcegos e vários pássaros começaram a encher a floresta com os seus sons e após isso a filha da Cobra

grande separou a noite do dia (Oliveira, 2007). Em comparação paralela esse mito remete ao mito da caixa de Pandora, que na mitologia grega foi a primeira mulher feita da argila pelo deus Hefesto a pedido de Zeus para se vingar de Prometeu e de todos os homens:

[...] Hefesto modelou com argila o corpo de uma mulher e o animou; Atena revestiu-a de uma túnica de ofuscante brancura e lhe ensinou as habilidades manuais; Afrodite ornou-lhe a cabeça com uma coroa de ouro e deu-lhe a beleza; Apolo trouxe-lhe uma caixa fechada, ordenando-lhe que não deveria abri-la, e que a levasse a Prometeu. Este, temendo uma cilada, recusou-se a recebê-la. Epimeteu, irmão de Prometeu, seduzido pelos encantos da linda jovem, tomou-a por esposa. Um dia, por curiosidade, Pandora levantou a tampa da caixa e dela escaparam todos os males, que se espalharam pela Terra. Pandora fechou-a apressadamente, mas no fundo do recipiente, só restou a esperança, último consolo dos mortais (Menezes, 1985, p. 98).

Em *rondel do tucumã*, o mito de pandora é aproximado ao mito da criação da noite, na questão de como a luz e as trevas vieram ao mundo, isso se percebe nos versos *tu foste a caixa de Pandora/das tribos bárbaras de outrora*. Outro ponto é a curiosidade, os fâmulos do noivo da Cobra grande e Pandora tiveram a curiosidade de abrir o objeto que foram encarregados de trazer, e esse ato trouxe consequências, como os males para o seu mundo. Como destaca Neves (2021, p. 97) “a mesma função que a caixa de Pandora exerce na mitologia grega o tucumã exerce na mitologia indígena, um arquétipo”. Bacellar faz de forma poética de como se deu a separação do bem e do mal, da luz e das trevas, recorrente no imaginário da cultura amazônica e assim como em outras culturas.

A relação feita entre os dois mitos, se pauta nas leituras da Teoria da Residualidade, ao dizer que as culturas “são caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, se proliferam” (Pontes, p. 17, 2022). A cultura amazônica e a cultura grega se aproximam através do resíduo mítico, na forma de explicar como algo foi criado e passou a ser, que no contexto amazônico se deu por uma nova configuração, mas que ao mesmo tempo remete a aspectos percebidos em outras culturas, portanto, isso leva a dizer que as culturas não são isoladas, elas se dialogam, se mesclam e se multiplicam, neste caso, por meio do resíduo, o qual nos termos de Roberto Pontes (2017, p. 14) “é o que resta, o que remanesce de um tempo para o outro, seja do passado para o presente, seja por antecipação do futuro, de modo que a cultura consiste numa contínua transfusão de resíduos”. Em vista disso, é um material dotado de força, de vigor, de vir a ser o novo em uma nova cultura ou em obra literária, contudo, que está em contínua produção.

Esse diálogo é notório na literatura de expressão amazônica, *Sol de feira* é um dos exemplos de como a cultura e a Literatura são caminhos que se cruzam. Além de *Sol de feira*, há outros exemplos de textos literários que se dialogam entre si, ponto que destaca Marcos

Frederico Krüger em *Amazônia: mito e literatura* (2003), como a obra *Paixão de Ajuricaba* remete ao mito de Jasão e Medeia, assim como *A Maravilhosa história do sapo Tarô-Bequê* remete à descida de Orfeu ao Hades, *Jurupari, a guerra dos sexos* lembra os percalços de Píramo e Tisbe, em *Metamorfoses*, de Ovídio.

Através do *Rondel do tucumã*, percebemos a remanescência de um resíduo, que de acordo com a Teoria da Residualidade, é um material que tem a força de ser retomado e reatualizado em outros contextos ou no imaginário das culturas. E no imaginário da cultura amazônica, a qual tem forte ligação com os mitos, conforme diz José Paes de Loureiro em *Cultura Amazônia: uma poética do imaginário*, “A cultura amazônica constitui-se num grande vitral mítico” (Loureiro, 1995, p. 259), onde o mítico e o poético se apresentam em contantes afinidades.

De acordo com Loureiro (1995), a mitologia na vida amazônica é uma linguagem própria do homem do lugar, que explica a sua realidade por meio de uma poética dos mitos, levada pelos sentidos, pela imaginação criadora e descoberta das coisas na relação de proximidade entre homem e natureza. Essa poética dos mitos é percebida também na literatura de expressão amazônica, que poetiza os mitos presentes no imaginário amazônico, como o da criação da noite que se originou do caroço do tucumã, reatualizado na poética de Luiz Bacellar, ao construir o *Rondel do tucumã*.

Além disso, tanto o “*Rondel do taperebá*” e quanto o “*Rondel do tucumã*” de *Sol de Feira*, trazem a ideia de hibridação cultural, termo também trabalhado pela Teoria da Residualidade, segundo Roberto Pontes (2022, p. 17) a “Hibridação cultural é expressão usada para explicar que as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras. Ou seja, não percorrem veredas que vão numa única direção. São rumos convergentes”. Em *Sol de feira*, há esse encontro de culturas, de mitos que se aproximam em suas características, que apesar de possuir suas peculiaridades, se dialogam em certos aspectos, como o caroço de tucumã pode ser comparado com a caixa de Pandora, ao exercerem a mesma função e assim como os demais mitos da cultura amazônica podem ser relacionados com mitos de outras culturas, onde é possível constatar as relações culturais por meio do resíduo, de um material remanescente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo podemos analisar os resíduos míticos nos rondeis de *Sol de feira* de Luiz Bacellar, o qual utiliza em sua poética resíduos culturais e literários e insere sua obra em diálogo com leituras pautadas na Teoria da Residualidade, de que nada na cultura ou na

literatura é original, tudo é remanescente, o resíduo cultural ou literário tem o vigor de ser transformado em obra nova em épocas posteriores, como foi percebido no *Rondel do taperebá* e no *Rondel do tucumã*, o poeta recorre aos mitos de outras culturas e à modos poéticos para construir a sua obra literária.

Por meio dos dois poemas, podemos perceber que os resíduos míticos estão presentes no imaginário das culturas e assim como na literatura. Os mitos da cultura amazônica podem ser comparados com mitos de uma outra cultura, como foi observado no mito da criação da noite com características semelhantes ao mito da caixa de Pandora. Além disso, o diálogo da literatura amazônica com a literatura grega, por meio do *Rondel do taperebá* que faz a relação com o mito de Zeus e Dánae, visto no livro *O Universo, os deuses, os homens* de Jean-Pierre Vernant.

Essas relações culturais e literárias traçadas através de *Sol de Feira*, acentua que as culturas e a Literatura percorrem caminhos que se cruzam, se conectam, se dialogam. Em *Sol de feira*, o diálogo se permeia por intermédio dos resíduos míticos que podem ser notados nos poemas, como um material que remanesce em novos contextos, se molda com outras características estéticas e culturais no contexto amazônico, portanto, são resíduos que se mantêm em essência na cultura e na poética amazônica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gabriel Arcanjo Santos de. **De sol e frutos – memória e ruptura na poesia de Luiz Bacellar**. In: XIII Congresso Internacional da ABRALIC, 2013, Campina Grande. Anais. Campina Grande: UEPB.

BACELLAR, Luiz. **Sol de Feira**. 3. ed. Manaus: Puxirum, 1985.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia: mito e literatura**. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2003.

LOUREIRO, J.J. Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

MARTINS, Elizabeth Dias. **O caráter afrobrasiluso, residual e medieval no Auto da Compadecida**. In: Encontro Internacional de Estudos Medievais, 4.; 2003, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: PUC-Minas. p. 517-522.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. “Prometeu e Pandora entre o espelho e a máscara ou Fantasia, ordem e mistério” (notas sobre Mito e Ideologia). In: **Revista de História**, nº 118, pp. 97-156 (1985). Disponível em: <http://periodicos.unb/index.php/textos/article>. Acesso em mai. 2023.

PONTES, Roberto. **Em torno de um resíduo: Santa Maria Egípcíaca**. In: 2º *Colóquio do PPR* – Relações Luso-Brasileiras; deslocamentos e permanências, 2004, Rio de Janeiro.

Programação no das Sessões Simultâneas no Liceu Literário Português & Caderno de Resumos. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2004.

PONTES, Roberto. “Cristalização estética como polimento na literatura e na cultura”, p. 112-115 In: PONTES, Roberto. MARTINS, Elizabeth Dias (Orgs). **Residualidade ao alcance de todos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2015.

PONTES, Roberto. A propósito dos conceitos fundamentais da Teoria da Residualidade. In: Pontes, Roberto. Martins, Elizabete Dias. Cerqueira, Leonildo. Nascimento, Cássia Maria Bezerra do. (Orgs.). **Residualidade e Intertemporalidade**. Curitiba: CVR, 2017.

PONTES, Roberto. Entrevista sobre a Teoria da Residualidade, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira. In: MOREIRA, Rubenita. **Escritos residuais**. Fortaleza: Imprece, 2022.

MOREIRA, Aline Leitão; MARTINS, Elizabeth Dias. **Resíduos míticos e o amor-paixão em Tritão e Isolda**. Revista Decifrar. Vol. 7, Nº 14. p. 111-123, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index>. Acesso em maio de 2023.

NEVES, Lidiane Barreto Costa. **Sol de feira, de Luiz Bacellar**: cultura e imaginário amazônico no pomar da ficção. Revista Têssera. Uberlândia, MG. V. 4, n.1, p.77-100, jul/dez.2021.

OLIVEIRA, José Coutinho. **Imaginário Amazônico**. Org.: Ana Paula Rebelo Silva, Maria Madalena de Oliveira Rebelo, Paulo Maués Corrêa. Belém: Paka-Tatu, 2007.

VERNANT, Jean-Pierre. **O Universo, os Deuses, os Homens**. Trad. Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Recebido em: 01/10/2023

Aprovado em: 15/11/2023

Publicado em: 22/12/2023



10.29281/r.decifrar.2023.2a_3